

3

A IDENTIDADE CRISTÃ

3.1 Introdução

Tendo abordado o tema da destinação como conclusivo do capítulo sobre a condição humana, iniciamos este dentro da mesma perspectiva dos anteriores, de buscar elucidar a construção do caminho da identidade cristã na atualidade. Uma ocupação que vem sendo destacada diante da realidade do Homem de fé e do não crente.

Propusemo-nos, ao falar da destinação, o dinamismo da revelação de Deus, presente e atuante na vida do ser humano. Um dinamismo que se traduz na relação do ser humano com Deus, orientando-o na direção de sua destinação, que é a realização em Deus. Dessa forma, o ser humano possui a chance de sair de si mesmo, libertando-se de tudo que o impede de viver a sua existência. Ao ser humano é dado conhecer a salvação, essa realização incessante que o Homem busca de felicidade, superando as dificuldades apresentadas contra essa realização.

Chegamos até aqui compreendendo que o ser humano, pensado e defendido por Gesché, é um ser livre, criado e criador. A tradição judaico-cristã nos atesta esse ser humano, capaz de ao criar transformar sua realidade. Há uma distinção entre o Homem de fé e o não crente que é preciso ser feita. O não crente imagina poder, sozinho, alcançar a transformação e realizar o projeto de igualdade e justiça pelo qual luta. Compreende sua história limitada a essa ação. Mas o cristão, Homem de fé, crê, como diz Gesché, que os seus desejos não se esgotam na realidade histórica e, por isso, necessita do excesso para autenticar a sua fé. O cristianismo possibilitou ao ser humano conhecer esse excesso e desejar, pois inaugurou a desfatalização da história. Por isso, dizemos que o ser humano é um ser criado criador, capaz de desejar Deus e transformar a história e a si mesmo na realização desse desejo. Iniciamos revendo a perspectiva do trabalho. Agora, continuamos, ainda, sobre o capítulo a ser desenvolvido.

Adentrando mais sobre o ser humano e Deus, iniciaremos esse capítulo, na intenção de estreitar a relação com Deus desvelando, enfim, a identidade cristã. A tentativa é demonstrar a razão da existência de uma comunidade de fé como possibilidade de construção de uma identidade cristã, sempre na perspectiva de Gesché. Depois de falar do ser humano nas suas condições e dimensões, pretendemos tratá-lo na dimensão que nos interessa para o qual todo trabalho se dirigiu, o Homem de fé, o que deseja ocupar um lugar à luz da sociedade, discutindo e defendendo sua existência. O Homem que, na sua existência, se relaciona com todas as dimensões: pessoal, social, cultural e econômica. Aquele capaz de testemunhar o Deus vivo, o Deus de Jesus Cristo.

Diante da proposta do tema temos a necessidade de investigações, aliás, sempre trazidas pelo autor como metodologia para uma nova inserção naquilo que já conhecemos, mas precisamos recriar. Nesse caso, a necessidade se coloca na cristologia. Um dos propósitos do capítulo é recolocar o lugar de Cristo na fé cristã, ou seja, descentralizá-lo da pessoa de Jesus para evidenciar a mensagem salvadora anunciada por Jesus.¹⁷⁷ Revisitar essa afirmação é importante para que o cristão assuma mais autêntica e plenamente sua crença no Cristo Glorificado, sem o risco de minimizar as dimensões da história ou da ressurreição por desconhecimento. Para que, com confiança e discernimento, possa assegurar Cristo como opção de vida, dando-lhe o lugar na fé proclamada. Com palavras de Gesché, damos iniciação à investigação.

3.2 **Cristo como opção de vida**

“Gostaríamos de exprimir esse princípio dizendo que, embora o Cristo esteja bem no centro da fé cristã, ele não é o centro. Está no centro porque o cristão vê nele a ‘pedra angular’, aquele ao redor do qual se articula sua fé.”¹⁷⁸

Gesché propõe, a partir de Cristo, pensar o ser humano, para então pensar aquele que sempre se encontra presente para o ser humano, Deus. A partir de Cristo, compreender o ser humano e Deus. Nada mais atual para enfrentar a

¹⁷⁷ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 17-20.

¹⁷⁸ *Ibid.*, p. 17.

sociedade moderna e garantir uma identidade de fé. Uma cristologia que se propõe a anunciar, não Jesus, mas quem Ele anuncia: Deus e o ser humano. O Novo Testamento nos confirma que a mensagem de Jesus está centrada no anúncio de Deus, que por ele age salvando. Jesus anuncia o novo ser humano na sua humanidade. Jesus é o centro porque foi anunciado, mas também porque trouxe a mensagem da salvação. João apresenta Jesus como aquele que é o caminho, portanto, aquele por quem os cristãos se colocaram seguindo. Gesché recorre, mais uma vez, à tradição bíblica e aponta o seguimento como aquele que é conduzido, que se coloca atrás, não face a face para não correr o risco de perder o sentido da direção. Jesus é o condutor, que leva ao Pai, inicia o caminho da fé, da salvação. Sendo assim, podemos abordar o seguimento de Jesus e compreender essa relação com Cristo de forma a vê-lo, mas sem fixá-lo somente no face a face. A alteridade do ser humano exige chegar ao seu destino último, o Pai, sem perder a alteridade com o Espírito e com o próximo. Ao permanecer fixados na face de Jesus corre-se o risco de desfigurar o próprio Jesus, reduzindo-o a uma perspectiva cristológica fechada, infrutífera diante do mundo. Portanto, ser fiel ao seguimento exige que façamos uma cristologia que compreenda a teologia e a antropologia presentes no discurso de Jesus.¹⁷⁹ “*Lendo-se o Evangelho, prestou-se menos atenção a sua teologia do que a sua cristologia.*”¹⁸⁰

A idéia principal que se pretende abordar é a revelação de Deus que Jesus anuncia em sua mensagem, a concepção de Deus que Jesus proclama em gestos e palavras. Como diz o autor, foi muito pouco desenvolvida a teologia presente na cristologia. Pouco se deu atenção ao que Jesus falava sobre Deus, quando a história precisou explicar e confirmar plenamente a divindade de Jesus. Temos, então, a apresentação de um Deus mais filosófico do que cristão. Isso traz uma séria dificuldade para a compreensão do Deus cristão. Não temos intenção de estender essa discussão, mas sinalizá-la é importante para situar o crente diante da abordagem cristológica que tem da sua fé. Essa compreensão compromete a atuação do cristão. Aderir a Cristo na fé é reconhecê-lo no Deus de Jesus Cristo, histórico e glorificado.

Como descreve o autor, o Deus cristão é um Deus que se ocupou com o ser humano. O Deus de Jesus fez a experiência da paixão, desceu e assumiu a

¹⁷⁹ GESCHÉ, A., *O Cristo*, pp. 18-23.

¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 24.

condição humana. Um Deus que assumiu as circunstâncias históricas e, por isso, revelou o radical amor que tem pelos seres humanos. A Encarnação aconteceu num gesto de profunda compaixão pelo ser humano, pelo sofrimento que se abatia na sua criação. Um Deus que confirmou a identidade do ser humano na relação de alteridade mantida através do Filho. Se desejamos resgatar a imagem que Jesus nos traz de Deus e assumi-la em nossa prática de cristão, devemos recorrer com toda profundidade a essa reflexão, investigar as Escrituras, mas essencialmente não negligenciar nenhum discurso sobre o ser humano, pois onde ele está se encontra o Deus de Jesus Cristo.¹⁸¹ Desenvolveremos um pouco à frente a Encarnação como realidade de encontro da construção da identidade cristã.

No primeiro capítulo desse trabalho falamos que Deus é tema da teologia, mas também afirmamos que o ser humano é imprescindível para a teologia, pois é quem pode ouvi-lo e responder, realizando o lugar da existência visível de Deus entre os homens. Buscamos, durante o trabalho, desenvolver elementos que, na dinâmica da relação entre Deus e o ser humano, pudesse desvelar a construção da identidade cristã. A partir do ser humano conhecemos Deus, mas porque nos foi por Ele permitido conhecê-Lo. Portanto, a teologia não se perde na antropologia, mas não prescinde dela para se fazer conhecida. Por tudo isso, Gesché propõe ao cristão visitar sua fé, conhecer a centralidade da fé para também oferecer aos que não crêem a oportunidade de conhecê-la e até, se possível, investigá-la. Nesse sentido, o cristianismo se torna uma referência para o ser humano se este se conhecer como ser de relação a partir de Deus, portanto, como Homem de fé. Dessa forma, reconhecemos a necessidade de falar da antropologia presente na cristologia, como defende Gesché, que para conhecer a autenticidade de nossa fé é necessário saber que Cristo anunciou um Deus e um ser humano na sua relação pessoal. Um Deus que se relacionou, amorosamente, se fez conhecer, descendo e convivendo humanamente entre os Homens. Essa é a teologia que proclamamos, que anuncia um Deus, o Transcendente, atuante na imanência. Por isso, o ser humano pode tornar presente o discurso da fé, entre tantos outros existentes na racionalidade das ciências.¹⁸²

Se afirmarmos que esse Deus anunciado por Cristo, que a teologia nos fala, é um Deus que se relaciona, podemos identificar nessa relação o ser humano

¹⁸¹ GESCHÉ, A., *O Cristo*, pp. 27-31.

¹⁸² *Ibid.*, p. 35 passim.

anunciado, pois é ele que nos fala de Deus a partir de sua própria compreensão dessa relação. Mais adiante veremos com maior clareza que os apóstolos anunciaram a ressurreição a partir da relação experimentada com Jesus histórico. E que foi a partir desse testemunho que a realidade se tornou autenticada e atestada. Isso significa, como já falamos na abordagem sobre a fé, que Deus atesta o ser humano. Portanto, vamos cada vez mais ampliando nossa compreensão de que a cristologia nasce como teologia e antropologia.

“Quão mais verdadeiro o é se a testemunha é Deus, esse Terceiro transcendente que nos permite tanto não nos confundirmos uns com os outros como nos reconhecermos em relação a ele. Deus apresenta-se, assim, como a prova e atestação do ser humano. É aquele que, ao dizer ‘Eu sou’, diz por isso mesmo e no mesmo movimento: ‘você é’.”¹⁸³

Dessa maneira, na perspectiva cristã, o ser humano é reconhecido e compreendido a partir de sua relação com Deus. Isso significa que nos reconhecemos a partir do outro, que nos coloca diante de um outro maior, o Terceiro, o que nos permite afirmar que também conhecemos Deus a partir da nossa relação pessoal, essencialmente humana. Aqui Gesché nos oferece o tema da Encarnação como chave conceitual para pensar o ser humano. Um Deus que se revela num radical gesto de abandono e de esvaziamento de si para o outro. O encontro definitivo entre Deus e o Homem, onde prevalece o amor incondicional pelo outro, irracional, como fala Gesché, tão necessário na luta contra o mal que desfigura o ser humano de sua vocação humano-divina. Somos chamados a amar loucamente o outro como Deus nos amou ao assumir a nossa condição humana. Portanto, o cristianismo referendou a condição de existência do ser humano, da forma como ele se apresenta, seja o pobre, o doente, o faminto, o rejeitado, aquele sem a mínima dignidade de vida. Esse, o outro necessitado, precisa ser reconhecido para que nos reconheçamos como pessoas, como seres de identidade, com rosto e nome para que possamos nomear e sermos nomeados. Assim Deus faz conosco e fez no evento da Encarnação, o que nos faz sempre retomar a idéia de que o cristianismo desfatalizou a história, nos fez conhecer um Deus que luta e assume, paradoxalmente, com a força do amor e do sofrimento que brota da condição limitada do ser humano.¹⁸⁴

¹⁸³ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 36.

¹⁸⁴ *Ibid.*, pp. 37-39.

Precisamos, como cristãos, mais do que compreender, assimilar a realidade da Encarnação como opção de vida. São muitos os desafios do cristão, a começar pela cristologia. Gesché nos conduziu à compreensão de uma revelação de Deus e de ser humano que Jesus anunciou e que os apóstolos, mais tarde, vão anunciar como mensagem de salvação. Há uma verdade anunciada, uma possível relação entre Deus e o homem que desperta para uma nova realidade, o Reino de Deus, as Bem-aventuranças de um Deus que se revela e permite o reconhecimento da história como a história da salvação. Portanto, todos podemos ser salvos de nossas limitações que nos impedem de amar com a mesma loucura com que somos amados por Deus. O Deus de Jesus Cristo é um Deus que ama, diz São João. Um Deus que é contra todo tipo de violência, inclusive aquela que O aprisiona dentro dos interesses do próprio Homem. Acreditamos, aqui, ter aberto a porta para a visitação cristológica de nossa fé.

Iniciamos esse tema sinalizando, a partir do autor, a necessidade do descentramento do núcleo da fé de Jesus como pessoa para a mensagem anunciada, a revelação de um Deus que irrompe na condição humana, convidando o ser humano a participar de sua salvação. Inaugurando, dessa forma, uma nova relação entre Deus e o Homem. Torna-se, agora, possível indagar sobre a cristologia, sem receios de reduzir a mensagem da salvação a uma falsa compreensão de Deus e do ser humano. Podemos compreendê-la na pessoa de Jesus Cristo, única realidade histórica.

Reconhecemos na Ressurreição o fato e a centralidade da fé cristã, palavra-chave para a formação da primeira comunidade de fé. A comunidade cristã tem sua fé proclamada no Cristo Ressuscitado, morto e crucificado na cruz. Vimos, anteriormente, o significado teológico e antropológico da cristologia, que deve nos dar maior clareza da adesão da nossa fé à pessoa de Jesus Cristo. O Cristo, que anunciou um Deus e um ser humano e propôs uma nova relação humano-divina, criou uma nova forma de existência, a opção teologal, a que propomos desvelar e defender durante a trajetória feita com Gesché. Ainda nesse processo de desvelamento, continuamos nos passos do autor para a plena absorção da compreensão do significado da Ressurreição como presença atuante na existência da comunidade de fé. Esse aspecto se torna essencial para a visibilidade da comunidade que testemunha Jesus ressuscitado. Por isso, é importante clarear as dimensões, conhecidas, mas muitas vezes dissociadas, do Jesus histórico e do

Cristo da fé. Gesché propõe falar de um elo capaz de articular as duas dimensões, a identidade narrativa.¹⁸⁵ Essa noção deve ser bem desenvolvida, pois oferece ao cristão uma nova compreensão e atuação de sua fé. É o que pretendemos para ao desafio do mundo atual.

A fundamentação do autor se estrutura nas diferentes áreas do conhecimento que a ciência desenvolveu, como o próprio conhecimento da estrutura humana, de que “*o ser humano é um ser narrado*”,¹⁸⁶ e sabemos que toda narrativa expressa uma história e uma destinação. O próprio Evangelho nos dá o testemunho dessas narrativas. É a partir dos relatos bíblicos que Gesché desenvolve a noção da identidade narrativa. Teremos oportunidade de aprofundar esse entendimento mais à frente. Nessa perspectiva, não há como compreender Jesus Cristo sem retomar o dado histórico, muito menos falar da fé sem dimensioná-la na história. Seria um grande risco para o cristão que proclama o Deus de Jesus Cristo.

Dos muitos aspectos que conferem autenticidade histórica, o ensinamento de Jesus dá uma configuração diferente à sua existência. Gesché se detém naquela que envolve o Reino de Deus. É no anúncio do Reino que Jesus realiza a ação salvadora de Deus. É Deus agindo em cada um de modo único. Cada um é convocado a participar do Reino, interpelado a responder o chamado de Deus. Na relação com Deus acontece a revelação de uma nova forma de viver a fé e de se relacionar. Um encontro que conduz a mudanças de atitudes e comprometimento, dando novo sentido à vivência religiosa. A salvação se desloca das atribuições legais para ser entendida como gesto de amor pelo próximo, único critério relacionado à salvação de Deus, que extrapola, inclusive, a idéia do puro e do impuro diante das prescrições legais ou do sofrimento.¹⁸⁷ O anúncio do Reino é tão marcante na vida dos discípulos com Jesus que todo o Novo Testamento encontra-se estruturado na perspectiva de uma nova relação entre Deus e o ser humano e entre os Homens. A realização de algo que já começara no tempo, o já trazido por Jesus e o ainda não sinalizado na fala de Jesus em relação ao tempo que pertence a Deus conhecer. Mas Jesus inicia a chegada do tempo na sua pessoa. Por isso, a alegria e a certeza da espera já pode ser sentida e vivida. Esse é o novo

¹⁸⁵ GESCHÉ, A., *O Cristo*, pp. 49-51.

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 51.

¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 56 passim.

sentido que Jesus dá à existência humana. Nele encontramos o caminho da realização do Reino.

A atuação diferente de Jesus no seu tempo histórico marcou de forma definitiva sua legitimidade, manifestando plena liberdade e confiança estabelecida na sua íntima união com o Pai. Uma relação que se estendeu aos outros, com a mesma confiança e liberdade diante do que aceitavam ou não essa nova realidade da expressão de Deus. Diante dos que o rejeitaram, Jesus enfrentou conflitos e tensões, sendo perseguido e condenado à morte de cruz. Morto ao lado de ladrões. O grupo formado por Jesus era composto por doze discípulos, pessoas diferentes e simples, que se defrontaram com a dura realidade de uma morte que, aparentemente, pusera fim à esperança da realização do Reino anunciada por Jesus.

Esse grupo viveu experiências marcantes com Cristo, que determinaram uma primeira visão da realidade de Jesus, a partir da fé, após a sua morte. Realidade marcada pela história pessoal de cada um, mas também conjuntural, de forma especial religiosa. Isso é importante, pois permite reconhecer uma realidade histórica de fé. As descobertas feitas, a partir das experiências de vida com Jesus, permitiram ultrapassar a própria realidade, construindo uma identidade cultural, que mais tarde, após a morte na cruz, vai permitir afirmar e confirmar a identidade de Jesus Cristo.¹⁸⁸

O reconhecimento de Jesus como Cristo a partir da fé dos apóstolos marcou a história e fez história. Todo acontecimento se faz na história, nada vem do nada, todos os fatos são marcados também por interpretações, que nascem dentro da própria história. Mas reconhecemos que a existência histórica de Jesus foi sustentada por uma transcendência, isso os apóstolos testemunharam. A identidade histórica de Jesus está centrada no evento da Encarnação, no encontro promovido entre Deus e o ser humano. O encontro entre a Transcendência e a imanência.¹⁸⁹ É Deus mesmo que se preenche de humanidade, afirma o prólogo de São João, “*e o verbo se fez carne*” (Jo 1,14). O ser humano pode reconhecer sua humanidade em Jesus, Deus revelado, que, na alteridade com o ser humano, atesta ambas identidades, de Jesus e do ser humano. A alteridade é o elemento fundante

¹⁸⁸ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 64.

¹⁸⁹ GESCHÉ, A., *O Cristo*. Encontramos nas páginas 61-64 o entendimento do autor sobre a identidade de Jesus a partir da concepção histórica de que todo ser humano existe não para si, mas historicamente para o outro.

e constitutivo da relação entre Deus e o ser humano. Relação que revela o Transcendente presente na imanência. É disso que a cristologia trata: “*se Deus é um para-nós, e é toda teologia inferida pela cristologia, eis que o ser humano é um para-o-outro, e é toda a antropologia inferida pela cristologia.*”¹⁹⁰

É essa identidade, reconhecida no Cristo Jesus, que a cristologia deve apresentar com legitimidade de uma única realidade histórica. Para isso, Gesché segue os relatos narrados no Evangelho.

A Sagrada Escritura é fonte primeira na construção da identidade de Jesus. Deus sempre foi nomeado na relação com o outro, o que significa dizer que sempre foi narrado, conferindo uma relação pessoal entre Deus e o ser humano. Gesché lembra no livro do Gênesis, a fala de Abraão: “*O Senhor disse: ‘acaso vou ocultar a Abraão o que faço?’*. *Abraão disse: ‘vou tomar a decisão de falar com meu Senhor, eu que sou apenas pó e cinza’.*” (Gn18,17) Da mesma forma os Evangelhos conferem a Jesus uma identidade narrativa, pois lemos na própria mensagem de Jesus que ele não fala de si. Ao contrário o outro O narra ao indagar: “*quem dizeis que eu sou?*” (Mc 8, 27). Aqui temos a estrutura da narrativa necessária para reconhecer a identidade de Jesus. É dessa forma que o Evangelho apresenta Jesus, pois o testemunho é da fé dos discípulos, nascida a partir da identificação do Ressuscitado com o Jesus que acompanharam. Responderam à indagação de Jesus com o testemunho dos acontecimentos ocorridos para que todos, como eles, também pudessem crer.

“Dando-nos, para que por nossa vez creiamos também nós, sua leitura teologal e cristológica de Jesus, os evangelistas oferecem o que poderíamos chamar de epifania de Jesus: manifestação, revelação do que ele é e representa os olhos deles, ou seja, de ser Salvador e Senhor.”¹⁹¹

A idéia de compreender o elo entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, através da narrativa que nos é oferecida pelos apóstolos, nos exige lembrar que existe um contexto histórico, como já foi dito, como parte constitutiva de toda narrativa. Nenhum acontecimento narrado nasce sem realidade histórica. Mas, não se prendem à história, transgridem a realidade. Porque são organizadas para uma comunicação, há uma interpretação, no caso, diríamos, teológica, e ela será

¹⁹⁰ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 67.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 84.

reinterpretada, sem perder a origem da realidade narrada. “*O Evangelho trabalha a história (o Jesus da história) e a abre ao destino (o Cristo da fé)*”¹⁹²

Temos, aqui, uma realidade que transgride a própria história. Essa realidade é dada pela fé, que cria a possibilidade de transgredir o real e reconhecer o não visível no visível. Ou seja, a fé desvela a realidade oferecendo ao ser humano uma nova possibilidade, a existência teologal. Recordamos o tema anterior da destinação, onde pudemos falar sobre o sentido teologal inaugurado pelo cristianismo.

Podemos, com legitimidade, afirmar a identidade de Jesus Cristo na narrativa que os apóstolos fazem de Jesus transfigurado. Jesus não falou de si, mas sobre essa realidade. Ela foi narrada e descrita pelos que a viram. Jesus, ao pedir para ser falado e narrado, nos entregou a possibilidade de autenticá-lo, dar-lhe identidade. A força dessa revelação, a da identidade percebida pelos apóstolos vem da grandeza de Deus, que permite ser reconhecido e identificado para que o ser humano se torne responsável pela vida narrada. Essa responsabilidade, que nasce da alteridade entre os Homens com Deus, nasce no campo da liberdade da palavra poder ser dita. Ao Homem foi dada a possibilidade de expressar Deus, conhecê-Lo e falar, dar-Lhe identidade, de fé histórica. Podemos ousar, afirmando que, na alteridade com Jesus, também construímos e somos reconhecidos em nossa identidade como cristãos.¹⁹³ Deixamos para o item seguinte essa abordagem, que encontra na Sagrada Escritura a estrutura da identidade cristã.

Na beleza da expressão do salmista, rezamos, com Gesché, a afirmação dessa identidade: “*não são os mortos que te louvarão, Senhor; somos nós, que vivemos, que podemos te bendizer.*” (Sl 113,118)¹⁹⁴

Retomando a idéia central de fazer da prática cristã o testemunho do Cristo vivo, revistamos o eixo proposto pelo autor para compreender o reconhecimento da identidade de Jesus Cristo, uma experiência de fé anunciada pelos discípulos. Buscamos compreender, na narrativa dos relatos, o elo de ligação entre o Jesus da história e o da fé, sem ter falado muito sobre essa última dimensão. Mas reconhecemos que não há como falar de uma sem a outra, a articulação entre elas é o que permite a identidade crística de Jesus. Ainda, sentindo a necessidade de

¹⁹² GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 88.

¹⁹³ *Ibid.*, pp. 89-92.

¹⁹⁴ *Ibid.*, p. 91.

esclarecer essa dimensão que deu a razão à existência da comunidade de fé, seguiremos um pouco mais sobre o tema, agora a partir da ressurreição.

O que significa crer na Ressurreição e atuar na comunidade crendo na Ressurreição? O que isso significa e que sentido tem para a vida pessoal e da comunidade que se reúne em nome do Senhor Ressuscitado? Gesché propõe, mais uma vez, a visitação ao termo que já conhecemos, mesmo sabendo que pode nos parecer óbvio indagar sobre o que consideramos conhecido. Partiremos, juntos, para essa investigação a partir daquilo que, como os discípulos, também nos mobilizou e ainda mobiliza: a morte de Jesus e o nascimento da comunidade cristã. Considerando a lingüística como o primeiro meio que nos chega à realidade dos acontecimentos, o trabalho da investigação é proposto, então, partir da linguagem expressa para anunciar o acontecimento da ressurreição. Anteriormente, já seguimos esse mesmo passo. Focaremos, agora, mais precisamente, essa estrutura da linguagem narrativa. A teologia já nos confirma que, se o ser humano é capaz de expressar é porque, antes, lhe foi nomeado (1Cor 14,10). Sabemos, bem ou mal, que a estrutura da linguagem nasce no berço da experiência do ser humano. Não há nenhuma experiência que brote de forma pura, sem interpretação. São realidades que se integram, fazendo com que uma dependa da outra para existir. Por isso, o autor, sem querer correr o risco da dissociação, propõe investigar o termo ressurreição para nos conduzir a essa rica experiência que nasceu junto com a expressão para, então, com discernimento suficiente, clarear o sentido do termo para os dias de hoje.¹⁹⁵

É a palavra Ressurreição que provoca a força do acontecimento. Gesché recorda que o texto da narrativa bíblica não se centra na relação ou no fato em si, mas na força da proclamação da palavra que expressa o fato. É fundamental compreender essa força que transforma e provoca temor, pois na Tradição Bíblica o gênero narrativo expressa uma revelação divina, que suscita a presença reveladora do divino. O autor nos conduz à narrativa do anjo que se dirige às mulheres e mostra-lhes o túmulo vazio. É diante do túmulo, que não terá lugar de destaque, mas onde são solicitadas a anunciar a realidade da ressurreição. São postas no movimento do acontecimento, que não se esgota no túmulo vazio, mas

¹⁹⁵ GESCHÉ, A., *O Cristo*, pp. 116-118. Essa reflexão se encontra na justificação que Gesché dá ao trabalho de sua defesa de uma cristologia visitada.

pelo que provocou o acontecimento.¹⁹⁶ As palavras têm a força dos acontecimentos, são carregadas de experiências de vida. Exploraremos essa afirmação mais adiante ao falar da história como lugar da ressurreição.

A força da palavra proclamada, carregada da certeza de que algo acontecera com Jesus, que uma revelação havia sido dada, se encarrega de gerar testemunhos. Testemunhos da fé na Ressurreição. Assim, certamente, a comunidade primitiva se constituiu proclamando e aderindo a uma forma de existência individual e coletiva. A linguagem comunicando o testemunho e criando sinais que apontam para uma realidade que se manifesta, agora, na força que a palavra provoca nessa realidade. Gesché mostra-nos que muitas outras expressões foram usadas para designar a realidade da ressurreição, como, por exemplo, Exaltação, Glória, Senhor.¹⁹⁷ Reconhecendo a importância da exegese na elucidação das expressões narrativas para compreensão da fé, nos estendemos um pouco sobre o tema, na tentativa de aproximar o acontecimento da ressurreição com a vivência da fé no mundo atual. A indagação inicial que reúne a experiência e o anúncio proclamado, que permite perceber como os apóstolos chegaram à certeza da ressurreição, ainda merece reflexão. Para nós esse tema é importante, pois se torna o ponto de partida da existência da comunidade que confessa sua fé no Senhor ressuscitado. Esse trabalho tem sua razão na defesa de uma comunidade de fé que responda, hoje, o sentido de sua confissão.

Antes, porém, de abordar a realidade da ressurreição no aspecto histórico, há necessidade de explicar a metáfora como recurso da linguagem bíblica narrativa. Até então, não a abordamos nesse sentido, mas reconhecemos sua presença, já que se trata de expressar realidades que fogem à compreensão da razão. A ressurreição traz no conteúdo todo sentido que quer expressar essa nova realidade de Jesus. Afirma-nos Gesché “*Diz admiravelmente e de maneira muito evocadora essa idéia de despertar da morte para a vida, esse pôr-se novamente de pé.*”¹⁹⁸ A metáfora, então, nos auxilia, dando-nos a direção de um sentido que transpõe a própria realidade. Todas as palavras utilizadas na Sagrada Escritura buscam representar essa realidade revelada como continuidade de outra realidade. Relembramos, aqui, que a fé tem essa propriedade de transpor a realidade

¹⁹⁶ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 118.

¹⁹⁷ *Ibid.*, pp. 118-124.

¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 124.

histórica. Todas expressam a grandeza de não nos deixar presos, sem mobilidade, acreditando que uma única palavra possa dar conta absoluta de todo sentido que carrega na sua linguagem. Além de nos fazer entender que cada palavra diferente carrega uma experiência única da comunidade que a utilizou. A comunicação, que tem intenção de uma mensagem, permite a interpretação existir como parte da estrutura da própria expressão lingüística. Assim, reconhecemos a riqueza da Sagrada Escritura que, mesmo tendo focado o termo ressurreição como o maior dentre todos, os outros termos também buscaram expressar essa mesma realidade que ultrapassa a própria realidade que quer ser expressa.

Voltando à comunidade dos cristãos que se constituíram a partir da afirmação proclamada, Ele Ressuscitou! Aquele com quem os discípulos viveram uma experiência de vida nova, anunciada e realizada em ações transformadoras. Essa realidade não mais presente dessa forma, mas na ressurreição anunciada, agora pelos discípulos, traz uma marca diferente na linguagem narrativa. Uma linguagem de atestação, nos diz o autor, seguindo na afirmação de que se trata de uma linguagem que sinaliza duas condições: acontecimento cristológico e apostólico. Os apóstolos, então dão testemunho em relação ao Cristo, Jesus, que eles conheceram em vida, ressuscitou, e, que agora, eles viram, aparecer a eles sob outra forma. Algumas citações bíblicas nos confirmam essa realidade que o autor procura explicitar para nos conduzir ao valor histórico da ressurreição. A narrativa, como já falamos, que confere a identidade de Jesus Cristo representa o elo entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, o que permite uma clara articulação entre as duas dimensões. Recordamos a idéia da nomeação, já trabalhada no tema da alteridade, em que o outro ao me nomear, permite o meu reconhecimento, fazendo-me existir, sair de mim, construir identidade. Também lembramos que Jesus nunca falou de si, ao contrário, foi sempre atestado. A indagação que não nos abandona, sempre, *“quem dizeis que eu sou?”* (Mc 8, 27). Essa reflexão se torna fundante na construção da identidade cristã, que tem em Jesus Cristo sua referência de Deus e de Homem. Conhecimento fundamental para o reconhecimento de nossa identidade cristã.

A narrativa nos diz, também, que nem todos viram e isso é o que permite que os relatos sejam autenticamente legitimados e reconhecidos. Não se trata de algo que fosse comum à realidade histórica daquela época, muito menos comum a ponto de todos perceberem e o acontecimento perder a sua força ou de representar

uma banalização. Nesse sentido não é histórico, mas não deixa de ser quando testemunhado por alguns recebe a força da proclamação da palavra. Isso significa que o acontecimento se associa a uma experiência particular, pessoal e de comunidade. As pessoas que viveram com Jesus fizeram a experiência do ressuscitado, onde Jesus se deixou aparecer para aqueles que o reconheceriam à luz do encontro pessoal.¹⁹⁹

Gesché vai tratar a experiência com o ressuscitado como um acontecimento de revelação a partir da idéia de que toda revelação na Sagrada Escritura vem acompanhada de uma epifania ou uma teofania, que provocam reações de terror, ao mesmo tempo que atração e admiração. Assim foi com as mulheres diante do túmulo vazio e com o grupo nas aparições. Apoiando-se nesses dois pontos, o autor desenvolve o acontecimento como revelação. Sem querer estender muito esse aspecto, destacamos duas situações importantes que envolvem diretamente objetivo do trabalho, assim como permite seu desenvolvimento. Primeiramente, na narrativa do túmulo vazio, o que nos é dito como sentido e lugar próprio de uma revelação divina. A narrativa trata, em si, de uma revelação, sem ênfase alguma ao lugar como espaço físico. Ao contrário, afirma que não é ali que se deve procurar Jesus, mas entre os vivos (Lc 24,5). A segunda situação importante acontece nas aparições, que são manifestações do Ressuscitado, ou seja, manifestações teofânicas.²⁰⁰ “*Deus Ihe concedeu manifestar sua presença*” (At 10,40). São realidades expressas por vocabulários de revelação. As aparições não trazem Jesus na mesma forma que os discípulos o conheceram, mas de uma maneira diferente, como manifestação, possível de ser reconhecido, porém, através de um olhar único, diferenciado, inclusive, entre os discípulos. Podemos recordar que Maria não percebeu de imediato Jesus no jardim, pensava ser o jardineiro.

“Não é tanto uma questão de medo físico, mas daquele ‘temor’, daquele ‘terror sagrado’ que o ser humano – presume-se – experimenta diante de uma manifestação divina, diante de um acontecimento no qual Deus está implicado.”²⁰¹

A citação nos reconduz à indagação sobre nossa adesão de fé, que se transforma em existencial diante do anúncio da Ressurreição. Existencial porque

¹⁹⁹ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 129.

²⁰⁰ Ibid., p. 159.

²⁰¹ Ibid., p. 134.

nos conduz à salvação cristã, que já investigamos como uma proposta possível de ser assumida. Voltaremos em breve a esse ponto. Somos ou não tomados pelo mesmo temor e admiração em que somos envolvidos na revelação de Deus, que num primeiro momento sentimos medo, depois fascínio e atração? Podemos nos tornar testemunhos de sua ressurreição. Aqui podemos traduzir o sentido que desejamos dar à comunidade de fé, responsável pela construção da identidade cristã que tanto foi abordada durante o desenvolvimento do trabalho. As narrativas são indicativas que não devemos nos deter, nem perder o tempo onde o ressuscitado, Jesus Cristo, não se encontra, mas onde indicam o caminho de sua presença, entre os homens. Cristo permanece, não no túmulo nem preso às aparições, mas lá onde mostrou aos discípulos, na continuidade de sua missão. Na ascensão, sua última aparição, Cristo informa sobre a continuidade de sua missão, agora assumida pelos que testemunharam sua história como Jesus Cristo, homem e Deus, plenamente reconhecido na comunidade de fé. É em Pentecostes que os apóstolos recebem a confirmação dessa missão, iniciando, então, a missão da Igreja, anunciar o evangelho aos novos tempos.²⁰²

Seria oportuno ampliar a reflexão sobre a Ressurreição como ação que completa a obra salvadora de Deus. Como diz Gesché, “*não é simples coroamento ou recompensa*”²⁰³, mas a vitória sobre a morte, a afirmação do combate e derrota do mal, combate vitorioso contra todo impedimento da plena realização de sua existência. Lá se deu o encontro, o retorno à casa do Pai, após uma vida assumida na obediência de sua missão e de um tempo de permanência junto aos mortos, de onde conduz todos à nova vida, junto ao Pai. A Ressurreição representa a afirmação de uma existência teológica, proposta na vida de Jesus, que culmina na cruz e se transforma na Ressurreição. Uma transformação de glória, mas também de combate, pois foi na descida à mansão dos mortos que a derrota definitiva contra o mal aconteceu. Após um tempo, a vitória, assim como foi necessária a cruz para enxergar a Glória, também na Glória da Ressurreição devemos enxergar o combate, a agonia.²⁰⁴ É a riqueza do caminho da salvação de Deus, o mesmo que o ser humano precisa enfrentar para chegar à salvação. Um caminho de combates e conquistas, de luta, que o ser humano pode assumir, pois

²⁰² GESCHÉ, A., *O Cristo*, pp. 158-161.

²⁰³ *Ibid.*, p. 168.

²⁰⁴ *Ibid.*, pp. 168-170.

sabe que Deus tomou para si mesmo esse combate diante do mal que aflige o ser humano. Não precisamos temer, pois já recebemos a possibilidade da Ressurreição em Nosso Senhor Jesus Cristo. Concluímos essa pequena reflexão colocando-nos no caminho em direção ao ressuscitado, com o texto que Gesché nos oferece.

“A Ressurreição pertence a partir de então à capacidade teológica do ser humano criado. Levando ao extremo, poder-se-ia dizer que é o pecado, erro de destinação, que modificou a ordem da Criação, mais do que a Ressurreição que, de alguma maneira, apenas faz retomar o antigo voto criador para fazer novamente dele dom ao ser humano.”²⁰⁵

Desenvolveremos, a partir da missão compreendida pelos primeiros cristãos, a compreensão da revelação tratada por Gesché e que nos ajuda a reconhecer o sentido de ser Igreja hoje, sentido que deve ir além de nós mesmos. O autor recorre à imagem da criança, que retira do pensamento da psicanalista Julia Kristeva, do seu livro *Acontecimento e Revelação*, para utilizar o momento do encontro que ocorre entre a criança e o mundo que passa a conhecer ao nascer e que lhe é apresentado. Intitula um momento de abertura em que a criança sai do seu mundo para ir ao encontro daquele que, provavelmente, lhe provocou medo, perigo, mas também crescimento. Poderíamos fazer uma rica leitura dessa imagem que traduz descoberta, abertura, criação, um nascimento que tem um movimento dinâmico entre o mundo interno e externo.²⁰⁶ Ambos atuando na direção de um crescimento. Vimos, já na condição humana da liberdade e da alteridade, apresentada por Gesché, que o ser humano é visitado por um Terceiro, que o criou e lhe deu as condições de construir sua liberdade na alteridade com esse Terceiro. É assim que a revelação pode ser percebida, a partir de uma experiência pessoal de alteridade, em que o ser humano se reconhece no outro e, dessa forma, permite que o outro o reconheça atestando sua identidade, cristã. Falamos, aqui, do já muito dito, o infinito na realidade do finito, essa visitação que só o ser humano pode experimentar. “*Abordagem tanto mais interessantes quanto mais vêm na revelação não uma pura inspiração interior, mas um acontecimento, ‘exterioridade’*”.²⁰⁷ É essa visitação que permite dizer que o ser humano é um ser integrado nas suas dimensões física, biológica, psíquica, afetiva, espiritual. Por isso, permite a visitação porque é capaz de sentir através de todos

²⁰⁵ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 171.

²⁰⁶ *Ibid.*, pp. 137-138.

²⁰⁷ *Ibid.*, p. 139.

os diferentes sentidos. Um ser sempre aberto, capaz de acolher e responder à sua vocação humana. Essa capacidade se encontra no exercício de sua liberdade, que representa um vasto campo de experiências, mais do que atos isolados de uma determinada liberdade de ação. Nessa perspectiva a revelação poderia ser compreendida como algo sempre presente, atuando, em nossa liberdade. Bastaria que fizéssemos a experiência da abertura ao próximo, nos aproximando da alteridade com Deus.

“Talvez a palavra ‘revelação’ assim entendida designe menos uma revelação do que está oculto no invisível, e bem mais uma revelação daquilo que está escondido no visível, daquilo a que o visível dá guarida invisivelmente.”²⁰⁸

A revelação, nesse sentido, poderia ser identificada como uma confirmação de algo já experimentado, a espera apenas de um encontro, de um acontecimento mais definitivo que provoque a transformação a partir da revelação. Foi o que aconteceu com os discípulos, tanto no túmulo vazio como nas aparições. A realidade anterior, da cruz, não teria nenhum sentido se não houvesse a ressurreição. O sentido nasce com a revelação da ressurreição. Os discípulos puderam ver e confirmar que aquele morto na cruz era o Cristo Ressuscitado. O que haviam vivido com Jesus de Nazaré passou a ter sentido. A cruz se torna o elemento revelador, mas é a ressurreição que revela o sentido da cruz. Lembrando o simbolismo da criança, nascer é crescer, em constante revelação.²⁰⁹ A revelação não nasce do nada, senão estaria no campo da magia, mas de algo iminente, revelador. O ser humano é um ser sempre em transformação, porque traz dentro de si a dinâmica da própria revelação. De novo, retomamos a questão para pensar, a partir de Gesché, o sentido da ressurreição que o cristão assume para expressar a sua fé. Talvez fosse melhor dizer a cristologia assumida.

Sendo essa a perspectiva assumida de ser humano capaz de Deus, livre e de alteridade, construtor de sua identidade, desejamos responder, como cristão, à indagação de Jesus feita aos discípulos: “*e vós, quem dizeis que sou?*” (Mc 8, 27). Temos muitos elementos da reflexão de Gesché para nos situar diante de Jesus e responder como quem deseja caminhar junto, como discípulo, desvelando a revelação de Deus na existência de nossa história. Transformando-se em testemunhos de sua presença no meio de nós. A dificuldade está em não perder a

²⁰⁸ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 141.

²⁰⁹ *Ibid.*, p.141 *passim*.

direção olhando o túmulo vazio ou à espera de aparições transformadas em espetáculos de revelação. Acreditamos, com Gesché, que o ser humano precisa, primeiramente, conhecer a centralidade de sua fé, o Deus de Jesus Cristo. Isso foi mostrado na nossa apresentação. Segundo, permanecer como um ser visitado, ser capaz de desvelar o Deus desconhecido, tornando-o presente, diante da razão, ao lado de todos os conhecimentos que integram e desvelam o ser humano para a sociedade. Permitir ao ser humano a realização de sua plena condição de existência humana, o que significa lutar por uma legítima existência de fé.

3.3

O amor cristão: novo modelo de Igreja e de Homem

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada. Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valeria!” (1Cor 13, 1-3)

Desejando a legitimidade do crente, presente sempre como fio condutor de todo o trabalho apresentado, buscaremos sinalizar o sentido, hoje, da Igreja, proclamada e constituída pelos apóstolos diante da confirmação da existência histórica do Cristo ressuscitado. Somos discípulos de Cristo, portanto, missionários da Igreja, compreendendo que, como seguidores de Jesus, assumimos a missão de dar continuidade à realização do Reino, iniciada e proclamada na Sua pessoa. A perspectiva dessa abordagem terá como cenário o ser humano, desenvolvida e compreendida por Gesché. Não teria outro sentido, se não tivéssemos peregrinado nos diferentes recôncavos da estrutura humana, de modo especial na relação entre Deus e o ser humano.

A confissão feita pelos apóstolos, do ressuscitado, encontra-se na própria confissão que Jesus faz de si quando se dispõe diante de Deus e do outro: *“eis-me aqui”*.²¹⁰ Jesus é confessado quando, no silêncio de sua apresentação, espera a afirmação. Isso os apóstolos fizeram. Confirmaram a sua entrega obediente à

²¹⁰ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 93.

missão do Pai. Apresenta-se como servo humilde que cumpre a missão de anunciar o Deus salvador. Também, dialeticamente, o novo ser humano que deve nascer de uma nova relação com Deus. Jesus Cristo, no exercício de sua plena liberdade e respeito pela liberdade do homem, provoca no ser humano a responsabilidade e o compromisso do que deve ser pronunciado a partir do seu silêncio. Pede para que seja narrado, assim desvela o mistério divino de sua presença na estrutura do próprio ser humano, que atesta e é atestado diante de Deus. O silêncio pela espera da narração é compreendido por Gesché como “*aquele que deixa aos outros, a quem confia, a palavra que identifica.*”²¹¹ Jesus, ao declarar o “*eis-me aqui*”, se dispõe como alguém que foi enviado e convocado e, assim, age pedagogicamente, à espera de que, narrando-O, nos coloquemos também à disposição do outro, na missão de servos. Jesus se faz presente apresentando-se e se dispondo ao pobre, ao doente, ao excluído que vivia à margem da sociedade de sua época. Agia restituindo-lhes a dignidade da vida. É o que nos narra o evangelho de São Mateus: “*quem é Ele?*” (Mt, 8, 27). “*De onde lhe vem tudo isso?*” (Mt 13, 56). Toda ação salvífica de Deus conduz à confirmação de quem é Jesus de Nazaré.²¹² Assim Jesus foi narrado, na sua relação de disponibilidade com o pobre.

A partir da idéia de identidade narrativa, desenvolvida neste capítulo e que foi apresentada por Gesché como elo dinâmico que faz a unidade do Jesus histórico e do Cristo da fé, poderíamos apontar algumas reflexões sobre as possíveis conseqüências de uma opção tendenciosa por uma ou outra dimensão. A identidade narrativa surge como eixo dialético dessa unidade, onde não cabe dilema entre o Jesus histórico e o Cristo da fé e não comporta uma prática que reduza uma das dimensões a ponto de excluir uma delas.

Poderíamos, de imediato, assinalar o que, anteriormente, Gesché destacou como prioridade para pensar a prática do cristão, a cristologia. Conhecer com propriedade o que Jesus nos apresenta, “*não anunciar Jesus, mas anunciar quem Ele anuncia. Jesus morreu e ressuscitou por causa de uma determinada idéia de Deus e do ser humano, e é isso que importa antes de tudo.*”²¹³ Tendo já apresentado o caminho percorrido na teologia e na antropologia presentes na

²¹¹ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 93.

²¹² *Ibid.*, pp. 97-99.

²¹³ *Ibid.*, p. 23.

crisologia, podemos abordar diretamente a prática do cristão que queremos defender no mundo atual, no processo de construção de sua identidade.

Uma prática que enfatize somente o Cristo da fé perde, na história, o lugar de construção da identidade cristã. É na dinâmica da história que o processo de transformação acontece, lugar do encontro entre Deus e o ser humano. Recusar a dimensão histórica de Jesus é correr o risco da idolatria. Sabemos o quanto, no mundo atual, essa tendência tem lugar. Não são poucas as correntes que, ou por ingenuidade ou má fé, aderem ao fideísmo como proposta religiosa. Então, nesse caso, a religião, que deveria desvelar o divino presente na realidade histórica, acaba servindo de ópio, motivo, já presente na história do cristianismo, de muitas acusações contra os cristãos.²¹⁴ Outra grave consequência, diante da negação histórica, recai no comprometimento do seguimento de Jesus, pois prevalece a contemplação como identificação de uma autêntica realidade cristã. Na verdade, há um falso entendimento do que representa o seguimento. Gesché abordou essa idéia ao falar sobre “*uma crisologia em que a face de Cristo arrebate toda atenção*”.²¹⁵ A construção da identidade cristã fica comprometida, pois a alteridade, que possibilita o reconhecimento da identidade, não acontece. Recordando, ainda, sobre a exigência do seguimento, caberia a indagação do autor acerca de nossa relação com Cristo. Precisamos abandonar a contemplação que nos impede de enxergar o caminho à frente e, “pelas costas”,²¹⁶ fazer o seguimento, a fim de identificar a direção tomada para chegar à salvação. E essa direção exige uma nova relação com o Cristo, olhar para frente e reconhecer os diferentes caminhos durante o percurso da história. A contemplação tem a grande riqueza de permitir, no silêncio, embebido pelo mistério da revelação, a interpelação que Jesus nos faz para retomar o caminho de volta, como fizeram os apóstolos no monte da transfiguração.

O cristão precisa ter clareza sobre a crisologia assumida para que promova, no mundo em que vive, a verdadeira realidade de fé expressa em Jesus Cristo. Só assim, poderá representar, com legitimidade, o discurso da fé, assumindo a identidade narrativa como elo dinamizador entre a realidade histórica e de fé de Jesus Cristo. Isso significa reconhecer na história o caráter dialético

²¹⁴ Essa reflexão do papel da religião se fundamenta no 2º capítulo desse trabalho

²¹⁵ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 23.

²¹⁶ *Ibid.*, p. 23.

entre as duas dimensões. Mais. Significa afirmar que a história é processual e o cristianismo manifesta no tempo essa historicidade. O cristão expressa no “hoje” o que foi no “ontem”, anunciado por Jesus, para que o “amanhã” possa acontecer na dinâmica revelada por Deus, onde um futuro foi antecipado como realidade possível. Dessa forma, o cristão tem a possibilidade de produzir uma prática fértil, onde não há lugar para a dogmatização, mas para um reencontro com a autenticidade da fé dos apóstolos, aquela que deu origem à narrativa de Jesus Glorificado. O cristão pode, então, confessar a fé em Jesus ressuscitado e não ter receios da falta de instrumentais teóricos, pois a força do anúncio carrega a compreensão de uma autêntica cristologia, que não foi dada do nada, mas da narrativa dos primeiros discípulos. Assim nasceu e se multiplicou a comunidade de fé, mantendo aquilo que traz na sua origem, “o dogma”, “a confissão de fé”.²¹⁷

O Concílio Vaticano II tem, em uma das suas formulações, a seguinte preocupação pastoral: “*Na origem: que a apresentação doutrinária seja revivificada nas fontes da fé, na palavra viva de Deus, no Evangelho de Jesus Cristo, na tradição viva da Igreja, na própria vida da Igreja*”.²¹⁸ Reconhecemos que a preocupação levantada por Gesché se encontra na mesma perspectiva do Vaticano II, quando salienta a importância de uma eficaz articulação entre a história e o evento da ressurreição de Cristo, encontrada na fonte dos relatos do evangelho, configurando a identidade do Cristo da fé e, por meio Dele, a possibilidade da construção da identidade cristã. Assumimos, na história, o que nos legitima a partir da narrativa evangélica, de que algo a mais, na própria história, foi inaugurado, sem que representasse uma visão reduzida da história. Há uma intrínseca relação das narrativas com a história, por isso a importância do seu reconhecimento para não cair na tentação de uma apologia histórica reducionista, que impeça de assumir o Reino como realidade escatológica. A opção de uma existência teologal precisa do amadurecimento da fé, ou seja, uma atitude responsável que nos é solicitada por Jesus diante do seu “*eis-me aqui*”.

Poderíamos, sem exageros, afirmar que a história representa o termômetro para inferir a fidelidade do segmento de Cristo. Reconhecer na história uma fonte que nos oferece a dinamicidade da Palavra de Deus, como nos diz Gesché, é “*reencontrar a fonte sempre viva e original do que se tornou a experiência*”.

²¹⁷ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 107.

²¹⁸ Compêndio do Vaticano II, *Introdução Geral*, p. 10.

cristológica.”²¹⁹ De toda a nossa reflexão, o maior resultado para a legitimidade do cristão se encontra em fortalecer a atualização do anúncio presente no dogma de fé. Um enunciado cristalizado, a-histórico, perde o sentido de sua afirmação, tornando a fé uma resposta esvaziada de conteúdo e uma religião passível de manipulações. Todo o ritual perde seu sentido, contribuindo para práticas míticas, mágicas e esotéricas.²²⁰ É, portanto, fundamental que o cristão esteja atento à cristologia que envolve sua prática religiosa. Aqui, ao falar da religião estendemos à Igreja um papel essencial na construção da identidade cristã. A Igreja, na sua genuína missão evangelizadora, é responsável pelo desvelamento de nossa identidade cristã, pois é nela que encontramos a mensagem viva da Boa Nova para todos os seres humanos. Uma Igreja que não realize essa dinâmica integradora entre o mundo e o Evangelho traz, em si, a cristalização dogmática de Cristo. Recorremos ao Documento de Aparecida, recente, que nos fala da preocupação dos bispos da Igreja da América Latina e Caribenha com a missão da nossa Igreja. Como afirma o Documento, algumas sombras existem na vida eclesial, apesar de muitas esperanças.

“Lamentamos, seja algumas tentativas de voltar a um certo tipo de eclesiologia e espiritualidade contrárias à renovação do Concílio Vaticano II, seja algumas leituras e aplicações reducionistas da renovação conciliar; lamentamos a ausência de uma autêntica obediência e do exercício evangélico da autoridade, das infidelidades à doutrina, à moral e à comunhão, nossas débeis vivências da opção preferencial pelos pobres ...”²²¹

Portanto, o desafio está em superar essas sombras que nos impedem fidelidade aos ensinamentos de Cristo, que significa promover a vida e a dignidade a todos os homens e mulheres subjugados a um sistema de exclusão. A Igreja, animada pelo Espírito, deve responder aos sinais dos tempos, porque só assim poderá realizar o que Jesus fez e nos deixou como missão: a concretização do Reino.

Ainda na perspectiva de Gesché sobre a identidade narrativa como impedimento na cristalização do dogma, lembramos a importância da fé para a legitimidade do cristão na realidade atual. Expressar uma fé sem conteúdo teológico, alienada de racionalidade, sem fundamento histórico ou por demais reduzida à história, institucionaliza a Igreja, fazendo com que perca sua força

²¹⁹ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 107.

²²⁰ *Ibid.*, p. 109.

²²¹ CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 100b.

mediadora na realização do Reino. No pior dos casos, permite que se identifique com o próprio Reino, trazendo conseqüências à sua aceitação diante de um mundo que tende a rejeitar as grandes tradições institucionais. Como cristãos “*não devemos encarregar o dogma de pensar por nós. É a própria fé que nos pede para permanecermos sempre intrigados.*”²²²

Essa realidade nos traz um grande desafio: conhecer as novas relações que o mundo descortina pelo acelerado índice de informações tecnológicas que transformam a cultura, a arte, a política, a economia, enfim, tudo que envolve o ser humano. A religião não está isenta do alcance dessa devastação, que gera instabilidade e desequilíbrio nas relações pessoais. O Concílio Vaticano II tem, nos seus documentos, muitas afirmações sobre a urgência de uma nova eclesiologia e atuação pastoral. Uma preocupação em responder às exigências do mundo atual e em promover um diálogo frutífero com a modernidade. Na introdução do Compêndio do Vaticano II há um indicativo que nos fala sobre a apresentação pastoral da doutrina ao mundo atual:

“Deve a doutrina estender-se aos problemas reais e que são a preocupação constante, não raro angustiante, dos homens de hoje (e não de outros tempos). O que implica um conhecimento exato e uma análise precisa desse mundo que importa salvar. O bom pastor conhece suas ovelhas.”²²³

Reconhecemos, com Gesché, que a identidade narrativa nutre, positivamente, cada dimensão refletida, dando à cristologia uma autêntica expressão para o mundo atual, que, cada vez mais, exige diálogo entre as diferentes possibilidades de vida. E a perspectiva religiosa, presente na proposta teologal, apresentada pela Igreja, queremos que seja parte reconhecida nesse diálogo, pois tem sua estrutura antropológica e teológica bem organizada.

A partir da compreensão de uma cristologia autêntica, portanto fiel à identidade de Jesus, reconhecida pelos discípulos, podemos relacionar o tema ao próprio crente que assume, como membro da comunidade, o anúncio da Boa Nova, nesta visão cristológica. Vimos exaustivamente quem é o ser humano para Gesché, integrado em todas as suas relações fundamentais, que o permitem poder reconhecer-se como filho de Deus, capaz de Deus e de um destino para Deus. Um ser humano que é criado para amar. Portanto, capaz de responder, na fé, à interpelação de Deus. Esse ser humano, único diante de Deus, dá a sua resposta

²²² GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 111.

²²³ Compêndio Vaticano II, Introdução Geral, p. 11.

individual, mas vive a sua fé inserida na comunidade, participando como membro da Igreja de Cristo. “*Evangelizar não é para quem quer que seja um ato individual e isolado, mas profundamente eclesial*”.²²⁴

Nesse sentido não há como desvincular o ser humano, que proclama sua fé em Jesus Cristo, da Igreja, comunidade que é depositária da missão de Jesus Cristo. Na verdade, não há como dissociar o ser humano de uma intrínseca relação com Deus, na perspectiva do pensamento de Gesché. Estamos, agora, preocupados em sinalizar o conteúdo de fé que expressa uma visão de mundo, de Igreja e do cristão, que tanto procuramos defender para uma legítima existência teológica. Precisamos focar o tema do capítulo que perseguimos como um possível resultado da prática cristã, o amor cristão como construtor de uma nova prática eclesial e humana.

Fizemos, até então, uma reflexão voltada para as conseqüências práticas de um enfoque, maior ou menor, em uma das dimensões da identidade de Jesus, a histórica e da fé, caracterizando a importância da identidade narrativa como equilíbrio positivo para a vivência da fé cristã. Desejamos, agora, dando continuidade às reflexões práticas, abordar, antes mesmo de falar sobre o amor cristão, falar da missão de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo. Porque temos a certeza de que, ao falar da mensagem do Evangelho, vinculamos o Cristo e a ação gratuita do amor de Jesus à Boa Nova que anuncia. Também, ao falar do ser humano que opta por Cristo, estaremos falando do amor de Jesus que deve ser resgatado com maior visibilidade na vida do cristão, para compreender a missão que o mundo exige. Essa reflexão está relacionada ao pensamento que Gesché desenvolveu do olhar sobre a vítima presente no Evangelho, que é considerada prioridade na ação de Jesus. E a justiça, importante, mas limitada como ação jurídica, pois não tem a preocupação com a salvação da vítima, prioridade no Evangelho de Jesus Cristo. Seguiremos, ainda, no esforço de explicitar a autêntica vida que o cristão deve assumir na adesão que fez ao seguimento de Jesus Cristo.

Abordamos, acima, novas relações impostas pelo mundo, referendadas por uma avançada e acelerada transformação tecno-científica. O Documento de Aparecida, já citado, sinaliza, na apresentação missionária do anúncio, que o missionário deve proclamar a “*boa nova da dignidade humana, da vida, da*

²²⁴ PAULO IV, *Evangelii Nuntiandi*, n. 60.

família, do trabalho, da ciência e da solidariedade com a criação.”²²⁵ Portanto, pensemos no ser humano explicitado por Gesché, integrado, em toda a sua plenitude, à criação de Deus. Lá no primeiro capítulo abordamos esse ser, criado à Imagem e Semelhança de Deus, conferindo-lhe uma existência livre para amar e desejar Deus. Uma liberdade, permitida na alteridade, que lhe dá muitas possibilidades, diferentes opções, mas sempre fundada na sua dignidade de ser humano, de responder à vocação humana. O ser humano recebe o mais precioso dom, o da liberdade em Deus, de poder optar por uma existência em Deus, que o torna capaz de responder, na fé, a essa vocação.

Da mesma forma, em relação à vida e à família. Reconhecemos, na alteridade, a necessidade de construir relações. É na relação com o outro que o ser humano descobre a dignidade da vida, pois identifica, na confiança estabelecida na relação, uma exigência do relacionamento e crescimento entre os Homens. Assim, o relato do Gênesis descreve que Deus criou o homem e a mulher numa relação de igualdade e cooperação, não de dominação. Aqui acontece a riqueza do respeito às diferenças, que só é possível viver quando o ser humano sai de si em direção ao outro, superando as dificuldades de um individualismo, tão comum nos dias atuais. Na relação com o outro temos a possibilidade de Deus, da experiência do amor, dom recebido e partilhado por Deus na criação dos seres humanos. Temos a concreta manifestação de uma relação de amor, de viver uma comunhão no amor de Deus com o próximo. Mais. De constituir, no amor entre o homem e a mulher, a comunhão trinitária, configurando a comunhão eclesial.

Na outra dimensão das relações fundamentais, a relação com o mundo, encontramos a mediação do trabalho, que Deus ofereceu como dom para que o Homem fosse colaborador, co-participante de sua criação, criando-o criador. O ser humano é capaz, na produção do trabalho, transformar a realidade que o cerca. O trabalho dignifica o homem e a mulher, dando-lhes a possibilidade de desenvolver o dom da criação, enaltecendo-os, assim, diante de Deus, pois constroem cultura, contribuindo, na criação, para o desenvolvimento humano. É pelo trabalho que o ser humano se reconhece criado criador, em comunhão com uma vida mais integrada. Da mesma forma, a ciência, fruto do desenvolvimento do trabalho do Homem. Desenvolvê-la representa uma preocupação com a vida de toda uma

²²⁵ CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 103.

humanidade, com a criação cultural, recebida e desenvolvida para um futuro mais completo de possibilidades.

Por fim, a solidariedade, considerada, hoje, essencial na convivência entre os Homens. Um aspecto que o ser humano desenvolveu como exigência da modernidade e vem sendo assumida como constitutiva de sua condição humana. Foi desenvolvida no uso da liberdade do ser humano. Uma solidariedade que se estende ao cosmo. O ser humano não foi feito para viver isoladamente. O homem e a mulher foram feitos à semelhança de Deus, por isso chamados a participarem da criação, responsáveis pelo cuidado, pela preservação e integração entre as criaturas. Existe, hoje, uma séria preocupação com a preservação da natureza, de modo geral com a ecologia.

A nova geração vem sendo educada na perspectiva dessa preocupação, mas sabemos o quanto a cobiça do ser humano ainda desrespeita e destrói a relação do Homem com o cosmo. Não apenas na interrupção da vida gerada pela natureza, mas na dominação que isso gera do Homem pelo Homem e, principalmente, na impossibilidade de uma contemplação da natureza como presença reveladora de Deus. Esta abordagem se encontra na tradição judaico-cristã, que sempre manifestou a unidade do ser humano com o cosmo, numa integrada relação, sem a falsa idéia, que prevaleceu na história, de que Deus entregou ao Homem a criação para que a dominasse, como o fez, explorando-a. Com essa equivocada compreensão do texto bíblico o ser humano submeteu a natureza à sua dominação, destruindo-a e manipulando-a em função de seus interesses econômicos e de poder. O Homem cristão precisa, pautado na perspectiva bíblica, retomar a unidade rompida na modernidade, quando o ser humano, em busca de sua autonomia, distanciou-se da realidade sagrada. O que trouxe a grave conseqüência da crise ecológica.²²⁶

Relacionando à perspectiva de Gesché, a ação salvífica de Deus atua em toda dimensão da vida existencial do ser humano. No capítulo que abordamos a destinação, falamos do empenho do ser humano na superação dos obstáculos em busca da sua realização, ou seja, a aceitação que faz da oferta salvífica de Deus em sua vida. O crente tem, na adesão à pessoa de Cristo, a possibilidade de

²²⁶ MIRANDA, M. F., *A Salvação de Jesus Cristo*, p. 191.

participar de sua salvação. Essa realidade foi, de fato, manifestada na história da humanidade, na Encarnação do Filho de Deus.

“Desse modo, integra Deus a multiplicidade das criaturas na felicidade eterna da comunhão do Filho e do Pai. Como consequência fundamental desse desígnio divino toda criatura não é apenas meio, mas tem seu sentido enquanto intrinsecamente ordenada à manifestação do Filho na história. Cada criatura participa da finalidade salvífica do Criador.”²²⁷

O que nos é confirmado pela teologia é que toda a criação tem seu papel na salvação do ser humano em Deus. E Gesché tratou, na defesa do cristão, de trazer à luz elementos fundamentais na construção de um novo sujeito que possa atuar, de forma integrada com o cosmo, pensando as circunstâncias de sua liberdade histórica.

A partir de Gesché, sinalizamos uma possibilidade de pensar o tema a partir da criação, compreendendo todo seu esforço de oferecer à teologia recursos para um diálogo que o mundo atual exige. Assim fez o autor, nos temas propostos, para pensar o ser humano e Deus, sempre a partir da criação, como fez com a questão do mal. É necessário revisitar a criação para pensar a relação da solidariedade do ser humano com o cosmo, melhor dizendo, da integração do ser humano com o cosmo, desde sempre presente na tradição, sem que nenhum elemento seja absolutizado diante do outro.

“A idéia de criação implica que Deus quer algo de novo e de diferente. Que tenha consistência própria e seja querido como tal e, por isso mesmo, em sua diferença, pelo ato divino que a presidiu. É aí que teremos um princípio de inteligibilidade do cosmo que não seja uma redução a si mesmo, nem uma redução ao homem, nem muito menos uma redução a Deus. Isso poderia ser novo.”²²⁸

Uma outra reflexão prática exige destaque maior no presente trabalho: o amor cristão. De tudo o que foi apresentado neste capítulo, a atuação do cristão no mundo, sem o envolvimento desmedido do amor, não resultaria numa ação diferente da dos não crentes, que também são capazes de amar sem medidas um projeto, por exemplo, revolucionário. Onde, então, estaria a diferença, insistida por Gesché, para o reconhecimento e legitimidade do cristão no mundo atual?

Em Gesché, vimos a caridade como núcleo central do cristianismo, sendo ponto de partida e chegada para o desenrolar dos muitos aspectos trabalhados. Na

²²⁷ MIRANDA, M. F., *A Salvação de Jesus Cristo*, p. 194.

²²⁸ GESCHÉ, A., *O Cosmo*, p. 9.

²³⁰ Toda essa reflexão sobre o amor cristão se encontra no segundo capítulo, na abordagem sobre o mal. Cf. GESCHÉ, A., *O Mal*.

apresentação de alguns relatos bíblicos, o autor mostrou Jesus atuando em defesa da vítima, revelando a prática da justiça do Reino. A ação salvadora de Deus é apresentada na pedagogia de Jesus Cristo. Podemos lembrar o bom samaritano, onde Jesus se preocupa mais com a vítima do que em perseguir os culpados. Essa diferença o cristão precisa fazer na sua prática, dar testemunho do amor de Cristo, que tem a preocupação com a salvação e não com a condenação. O tema já teve o seu lugar neste trabalho, quando tratamos da problemática do mal. Precisamos, apenas, reforçar que o autor não desconsidera a preocupação com a punição, em si, daquele que desencadeou o mal. Apenas defende que o amor de Jesus, manifestado na realização do Reino, não se reduz à justiça do Homem, que enfoca mais a condenação. A justiça do Reino não corresponde à justiça dos Homens. Com o mesmo amor que Jesus transformou as relações entre os Homens e Deus, sem medidas, gratuito, misericordioso, o cristão deve assumir a sua prática. É o que Gesché chamou de excesso do amor, que só Deus poderia oferecer como caminho na superação de nossas limitações humanas.²³⁰

Vimos os elementos da alteridade e da liberdade como fundantes na construção da identidade. Vimos que o ser humano é confirmado a partir do outro, portanto um outro desfigurado fere a condição humana, reduzindo as possibilidades da identidade poder ser reconhecida e legitimada. A identidade cristã precisa, para se fortalecer diante do mundo, assumir como condição de sua legitimidade a luta pelo fim de todo tipo de exclusão que impede o ser humano de ter uma vida plena. A comunidade de fé é responsável por fortalecer a comunhão desse amor entre os Homens, pois tem no sacramento da Eucaristia a doação do Corpo de Cristo, onde sempre podemos rememorar a práxis de Jesus, que nos salvou convidando-nos a participar dessa salvação. “*Na Eucaristia, nutrem-se as novas relações evangélicas que surgem do fato de sermos filhos e filhas do Pai e irmãos e irmãs em Cristo*”.²³¹

A sociedade atual exige, por parte do cristão, criatividade na sua prática, principalmente na Igreja, que é mediadora dessa ação pastoral. É importante que se reconheça que a ação voltada à construção de um novo sujeito de fé exige um conhecimento dessa fé, que possibilite uma verdadeira práxis de sua inserção eclesial. Acreditamos que a criatividade encontra-se no preceito atualizado por

²³¹ CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 158.

Jesus: “*amai-vos uns aos outros como eu vos amo. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos*” (Jo 15, 12-13). Amar na mesma intensidade e gratuidade com que fez na sua época. Revisitar todos os conceitos e expressões que a teologia ofereceu, como propôs Gesché ao tratar de temas bem conhecidos, pode significar para o cristão uma criatividade, novidade necessária às novas exigências de novos tempos. O núcleo central do cristianismo, “o amor fraterno”, na verdade, exige sempre criatividade, pois a dinâmica do amor rejeita relações cristalizadas. Entendemos, aqui, o que falamos da doutrina como fonte viva de vida para que a comunidade de fé, movida e sustentada pelo Espírito, produza e permaneça com os frutos (Jo 15, 16).

Juntos com Gesché, reconhecemos que o cristão, cada vez mais, precisa testemunhar, na prática do amor, o novo sujeito que deseja ser diante do mundo em que se encontra. A sociedade da época de Jesus trazia outras exigência e foi lá que nos foi anunciado esse novo Homem de fé, na Encarnação, no encontro definitivo do Transcendente com a imanência, unindo todas as possibilidades do finito se lançar ao (in)finito, tornando-se um em todos e todos em um (Jo 17, 21). Por isso, o cristão deve viver a sua fé na realidade concreta que o cerca, tornando viva e atual a ação de Jesus.

Podemos entender que o cristão precisa amar o próximo como critério de sua salvação, reconhecendo que só podemos proclamar o nosso amor a Deus através outro, o próximo, sem rejeição alguma (1Jo 4, 20). A prática do fiel e de sua compreensão eclesial não podem vir dissociadas, sob o risco de desmoralizar a prática ou a visão eclesial que apresenta. A prática do cristão representa um testemunho eclesial, pois não temos como afirmar a fé em Jesus Glorificado sem a mediação da comunidade cristã. Reconhecemos que o amor de Deus pelo próximo, que se revela no amor entre os Homens, não se limita a um espaço físico. O critério absoluto do amor de Deus é o próximo, ele estando ou não no espaço da comunidade.²³²

²³² MIRANDA, M. F., *A Salvação de Jesus Cristo*, pp.131-133 O autor desenvolve o tema com muita propriedade e profundidade. Importante conferir.